

## A boa imagem

Alexandre Werneck

A imagem de Artemis Fowl nunca foi das melhores. Desde a publicação do primeiro livro da série criada pelo ex-professor primário irlandês Eoin Colfer, em 2001, até hoje, seis aventuras depois - todas lançadas no Brasil pela Record - o menino de 12 anos dotado do maior QI da Europa e que colocou sua inteligência a serviço do crime sempre foi pintado nas descrições literárias como o pior dos bad boys. A palavra fez dele um anti-herói fácil de temer - o que sempre foi a chave de seu fascínio.

Pois agora ele está ganhando uma cara nova, nada abstrata, na forma de uma moderninha graphic novel (igualmente na rua pela Record, desta vez pelo selo juvenil Galera), mostrando o menino em desenhos luxuosamente traçados pelo quadrinista milanês Giovanni Rigano, cores do também italiano Paolo Lamanna. Ficou mais bonito. E Colfer confessa a preferência pelo meio: era para Artemis ter tido essa cara desde sempre.

Para mim, é assim que a imagem de Artemis sempre foi. Sou fã de quadrinhos há muito tempo e falei com meus editores desde o começo que deveríamos ter uma versão em quadrinhos - diz Colfer ao JB por e-mail. - Com livros, o leitor forma sua própria imagem, mas acho que a experiência de ver os desenhos e uma imagem diferente da imaginada é uma boa surpresa.

Pura cosmética. Bonitinho no desenho, na história ele continua o demônio. O mesmo. A graphic novel é a adaptação da primeira aventura, lançada em 2001 lá fora e em 2002 aqui, sob o subtítulo de O menino prodígio do crime. Mas mesmo sendo o mesmo texto, o gibi é bem diferente. A começar pelo gênero e pelo clima: nesta versão, tudo soa bem mais sci-fi de ação do que no livro, que tinha um tom mais de aventura. Com um rosto — esse que aparece á ao lado, sob seus óculos high-tech que permitem ver a verdadeira identidade das fadas (sim, a trama as envolve, já falaremos dela) ocultadas entre os homens - o menino passa um ar mais frio, mais cruel, mais adulto. E com imagens, a história pulsa mais violenta e seca. Em vários momentos, o que no livro era insinuado aqui aparece em quadros sem censura. E tomem tiros, explosões, perseguições:

Era importante que a graphic novel tivesse vida própria, que fosse uma adaptação, e não apenas uma reprodução, dependente do livro.

Adaptação, portanto. O que leva à pergunta recorrente: e o filme? Artemis Fowl está para chegar às telas desde 2005, quando foi iniciado o primeiro projeto de transposição para o cinema. Já haviam sido lançados três filmes do bruxinho Hany Potter - com o qual o personagem é constantemente comparado, os dois em pólos opostos da moralidade, o que não irrita mais Colfer ("A leitura prova que a comparação é superficial") — e o gênero "filme de aventura com menino inglês com poderes especiais" sinalizava um futuro nobre também para o superdelinqüente. Mas o próprio escritor freou o processo. Insatisfeito com roteiros e escolhas da produção - o primeiro diretor escolhido era Lawrence Guterman, que cometeu o indefensável O filho do Máscara - ele resolveu tomar as rédeas do processo. Está agora escrevendo o roteiro ao lado de Naomi Sheridan, filha do novo diretor do filme, ninguém menos do que Jim Sheridan, responsável por obras-primas como Meu pé esquerdo e Em nome do pai. A promessa de Colfer é que as filmagens começam ano que vem, depois da escolha de elenco.

De volta ao gibi, sim, ele é más adulto, mas sem perder o fio da meada da criação de um personagem infantilmente obcecado pela recuperação de sua herança: ponta final de uma longa linhagem de cabeças do submundo e filho de um mestre criminoso, o menino tem seu pá desaparecido misteriosamente. Com ele, vai-se também a fortuna da família. E o menino assume uma guerra pessoal: retomar a posição de seu clã. Como? Roubando, claro. Mas seu objetivo é bem mais ousado: roubar o ouro do Povo das Fadas, tratado aqui bem menos fantasiosamente do que no livros do bruxinho de Hogwarts. De terno, qual um James Bond do mal, ele seqüestra a impetuosa fada Holly Short, que será a chave para a trama. Na qual é ajudado por seu fiel escudeiro, o mordomo Butler— sim, o nome do mordomo é Mordomo - que no livro incorpora bem o epíteto de gorila: agigantado, de força descomunal e dotado de

várias habilidades de combate, ele protagoniza o lado ação da dupla. Atira sem piedade e luta com um troll sem medo. O lado estratégia fica nas mãos, quer dizer, na cabeça do gênio Artemis.

Gênio do mal. O que o torna, claro, um personagem polêmico para um livro destinado a garotada.

O que me atrai é o lado escuro dos personagens, que os faz muito mais interessantes - Explica Colfer. - Mas à medida que as novas aventuras vão se passando, Artemis aprende algumas lições. Se isso não acontecesse, seria um péssimo exemplo para os jovens.

De fato o protagonista tem um traço um tanto nietzschiano: ele se sente a "ave de rapina", ícone do pensamento do filósofo alemão. Para Artemis, sua inteligência superior faz dele também uma pessoa superior. Os outros, reles mortas, merecem sofrer e podem ser sacrificados diante de seu projeto. Ao mesmo tempo, não deixa de ser um personagem arendtiano: ele pensa, logo é livre. Contradição complicada para um livro juvenil?

De fato, essa superioridade é uma idéia muito perigosa. — Colfer faz a mea culpa - Mas a verdade é que a maior parte dos garotos acredita mesmo que eles são más espertos que todo mundo e que devem por isso ter a permissão de fazer o que quiserem. Como todo moleque, Artemis certamente acredita que as regras não se aplicam a ele e que é más esperto que as pessoas que as escreveram. Mas a lição que ele vem aprendendo é que as regras são muitas vezes baseadas mais em verdades emocionais simples do que em noções intelectuais.

Colfer diz que o livro demorou tanto para ganhar uma edição em quadrinhos porque custou a achar artistas que fizessem a adaptação como imaginava. Foi segundo ele apenas quando encontrou o escritor infanto-juvenil britânico Andrew Donkin — que, entre outros trabalhos, participou de Batman: Cavaleiro das Trevas - que a coisa andou. Donkin assina a adaptação com Colfer que, com o novo colega, aprendeu uma lição que habitualmente leva muita gente a preconceituosa-mente dizer que os quadrinhos são inferiores à literatura: há doses equilibradas de imaginação literária e informação visual:

A graphic novel apresenta visualmente a imaginação do escritor, mas de uma maneira que ela não exija muita imaginação do leitor. E sem que a imagem seja esvaziada. São prazeres diferentes, peculiares a cada um dos meios.

### **Arquivos complementares:**

#### **Clássicos brasileiros ganham traços**

*Marco Antônio Barbosa*

Há graphic novels de fato e de direito. Desde os anos 80, o termo que em português significa "romance grafico" virou sinônimo de álbuns em quadrinhos voltados para o público maduro, com narrativa complexa e temática adulta. Saindo do genérico, a idéia desse gênero no Brasil ganha agora vulto com a adaptação de textos consagrados de nossa literatura para a linguagem das HQs. É o que orienta Domínio público: literatura em quadrinhos, com obras consagradas (Augusto dos Anjos, Olavo Bilac, Alcântara Machado, Lima Barreto, Medeiros e Albuquerque e Machado de Assis).

O álbum, original de 2006 e agora relançado, recebeu cinco indicações ao prêmio HQ Mix. E apresenta (bons) textos introduzindo os autores originais e uma variação interessante de estilos artísticos.

O expressionismo se manifesta na adaptação de "Animal traiçoeiro", conto de Bilac (vertido com humor pelo roteirista Mario Hélio e ilustrado por João Lin). E também no traço rústico do gaúcho Eloar Guazzelli, que transforma "Apólogo brasileiro sem véu de ironia" (Alcântara

Machado) em uma ode à desobediência civil. Samuel Casal empresta psicodelia a Augusto dos Anjos, recriando "A ilha de Cipango" em explosivas alegorias visuais — são as ilustrações mais impressionantes do volume. Impacto semelhante tem a recriação do mais obscuro autor do lote, Medeiros e Albuquerque. A aura de terror do conto "O soldado Jacob" é bem conjurada nos desenhos de Mascaro. Apelando para a caricatura, Júlio Cavani (texto) e Jarbas (arte) vertem com economia de palavras "O homem que sabia javanês". O mais acadêmico - ou "clássico narrativo" - episódio é "A cartomante", história de Machado de Assis que ganha traços claros e transcrição quase integral do texto original.

Conto que retoma, assim como Machado, o grande homenageado de nossas letras este ano, em outra adaptação, uma bem cuidada edição da Zahar assinada por Flavio Pessoa (arte) e Maurício O. Dias (texto). A economia do traço de Kleber Sales na versão incluída em Domínio público dá lugar a desenhos rebuscados, que misturam imagens fotográficas do Rio antigo em composições belas e surpreendentes. Também entrando no páreo das graphic novels nacionais legítimas, a Companhia Editora Nacional investe no artista/argumentista pernambucano Lailson de Holanda Cavalcanti. Machado, sempre ele, embarca com "O alienista"; Lima Barreto retoma com Triste fim de Policarpo Quaresma e o protorealismo de Manuel Antônio de Almeida é resgatado (Memórias de um sargento de milícias). Traços simples mas bem-feitos (remetendo ao estilo de Sérgio Aragonés) compõem as adaptações, que incluem textos sobre os autores e um glossário.

**Fonte: Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 4 out. 2008, Idéias & Livros, p. L4-L5.**

A utilização deste artigo é exclusiva para fins de pesquisa acadêmica.